

O quão galhofeira as coisas são!  
Cá estou a falar, a pensar e indignar-me  
do que já o fizeram, sobre o ser e sua  
hirta ou volátil condição.  
Ou do sistema que tem como base  
a antiga e deplorável exploração.

Mas se assim o faço, é pois,  
que a injustiça ainda perdura.  
É que no ser e na complexa sociedade  
permeia uma terrível amargura!  
Um contínuo cansaço,  
um peculiar anseio por justiça  
e um apelo ao fim da tortura.  
E que assim, se desvaneça toda a maldade.

O tempo, como de costume, se esvai  
e as coisas, mudando estão  
e tudo o que dantes era oculto,  
aos poucos estão se revelando.



Mas o ser humano, um tanto sisudo,  
ainda encontra-se em uma palerma contradição.  
Pois a humanidade insiste em regressar  
aos velhos tempos de escuridão.

Ó meu coração, perdoai e, ainda, amai!  
Tais seres não sabem o que fazem e nem  
o que são!

Aguento ó ignívomo ser, este peito atordado,  
o bater forte deste coração entibiado  
a estadia neste mundo maculado.

Mas acima de tudo, contribua  
para que tu e o todo assim não continua  
e, mais que tudo, lute para que a verdade e a lucidez  
não sejam amordaçadas.

Ó meus olhos e outros tantos queridos e amáveis olhos,  
por que será que não te cansas?

Ó meu querido coração palpitante, como  
continuas em tal cadência com tais condições  
materiais, as quais, fazem com que as pessoas  
sejam atordoadas?

Ó mentes agitadas que almejam bonanças!  
Infelizmente já percebeste e conheceste  
tantas matanças que não passa, hodiernamente,  
de lastimáveis lembranças.

***Ano 04, numero 08, jul./dez. 2017***

**[52]**

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*



Ó humano que já viste, sentiste  
e sofreste muito com toda a iniquidade  
que há e que houve, em toda a  
história dessa balbúrdia da humanidade.

